



No encontro entre repórter e personagem: o percurso de *O nascimento de Joicy*, de Fabiana Moraes

Letícia Stasiak¹

Reges Schwaab (orientador)²

Universidade Federal de Santa Maria / Frederico Westphalen

Resumo: A partir de uma leitura do livro-reportagem *O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* procuramos apresentar os procedimentos jornalísticos e a relação repórter-personagem que emergem no livro. Buscamos analisar pistas do encontro da autora, a repórter Fabiana Moraes, com a personagem Joicy, e o processo ao longo da apuração e da organização da narrativa. Ao apresentar a transexual Joicy, a autora não só humaniza a história e a desdobra nos seus meandros cotidianos, seja do ser/fazer da personagem, seja no ofício da jornalista, como também dá importante lugar ao debate de identidade de gênero, além de transcender e fazer trabalhar a favor do texto a pretensa separação jornalismo e subjetividade.

Palavras-chave: livro-reportagem; procedimentos jornalísticos; subjetividade; transexualidade

1. Introdução

O jornalismo é um fazer e uma prática que nos proporciona acesso à informação e também conhecer novas histórias. Uma das melhores formas de mostrar a importância do bom jornalismo é por meio de uma grande reportagem, que muitas vezes é exercitada em formato de livro. Lima (2009, p. 26) considera o livro-reportagem como subsistema do jornalismo e o classifica como “[...] veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos

¹ Acadêmica do 6º semestre de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen.

² Professor do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM Campus Frederico Westphalen. Orientador do trabalho.

meios de comunicação jornalística periódicos”. Além disso, define que a essência do livro-reportagem está no seu conteúdo, no seu tratamento e na sua função.

O presente artigo tem por objetivo analisar alguns aspectos do livro *O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem*, de Fabiana Moraes, apresentando a abordagem da história da personagem, os procedimentos jornalísticos que permearam a pesquisa e a escrita da reportagem, bem como tecer comentários sobre a relação jornalista-personagem evidenciada pelo texto da autora.

Ao trazer a história de Joicy em detalhes, Fabiana Moraes fundamenta o mundo do jornalismo e “busca, na evidência dos fatos, a complexidade do contexto e o transforma em texto” (MORAES, 2015). A autora desenvolve a narrativa dos acontecimentos de maneira simples e direta, recontando a história do árduo rito de passagem do ex-agricultor João para se tornar a cabeleireira Joicy. Chama a atenção no livro a simplicidade com que Fabiana trata um tema tão complexo e pouco discutido com seriedade, trabalhando a transexualidade sem cair no estereótipo de mulher trans afeminada. Além da relação que se estabeleceu entre a autora e a personagem, a relação com os familiares e a maneira como apresenta o seu modo de entender um jornalismo não dissociado da subjetividade, que evidenciam a humanização e a sensibilidade primordial para a reportagem.

2. Livro-reportagem

O jornalismo exerce o papel de mediação sobre os sujeitos, o tempo e o espaço partilhados. Os livros-reportagem são um lugar específico de narrar, com diferenças em comparação ao jornalismo diário. Chaparro (2006 apud ROCHA, 2013, p. 141), reflete que os avanços da tecnologia e a rapidez da informação instigam os jornalistas de hoje não apenas a narrar o que acontece, mas também a serem capazes de compreender e atribuir significados aos fatos. Dessa forma, as histórias contidas nesses livros vêm nessa proposta, de não somente informar, mas apresentar em detalhes temas importantes, relevantes e impactantes, em um gesto de leitura sobre a sociedade.

Lima (2014) afirma que o jornalismo é um campo de conhecimento, especialmente o Jornalismo Literário, que carrega o propósito de expressar a realidade social tendo como fio condutor a figura humana. É por meio do livro que se conta o real de um modo narrativo peculiar e a medida em que essa imersão no real tem como fio condutor o humano por meio das histórias, vivências e ações das personagens, que o autor conduz seu texto. Dessa forma, fica evidente que conhecer seus protagonistas é primordial para o jornalista narrar desse modo.

Quando se analisa a construção do texto no jornalismo noticioso diário, se percebe que o autor resume os fatos e os relata para o leitor numa determinada modalidade textual objetiva. Lima (2014) afirma que no Jornalismo Literário, a matriz fundamental é a cena, na qual está centralizado o lugar dos acontecimentos, no meio de um cenário onde se dá a interação vívida com os personagens reais. Confirma que neste tipo de Jornalismo há a descrição de cenas, que ao ler se transformam em realidade na mente dos leitores e o texto se caracteriza principalmente pelo visual, cinematográfico, sensório e sonoro.

Nessa mesma linha, Resende (2009), ao debater o ato de narrar, afirma que este deriva da urgência em se estabelecerem modos de entendimento do mundo em que se vive. Esse contar pode nascer, hoje principalmente, nos vários lugares em que a vida acontece e o tipo de narrativa reportagem reconta e cria sentidos, narrando assim as experiências dos indivíduos no mundo. Assim, pensar, (re) conhecer e analisar as narrativas jornalísticas pode ser um caminho para se conhecer o fazer jornalístico.

Nesse viés, o livro-reportagem, como parte do universo jornalístico, surge para intervir e contribuir na forma de sentir os fatos e histórias. Para Lima (2009, p. 38),

Considerado do ponto de vista físico, material, o livro-reportagem é apenas um veículo de comunicação jornalística não-periódica. Mas se alçamos a vista para encarar o fenômeno completo, dinâmico, como um processo de comunicação social moderna, então podemos entendê-lo como um subsistema híbrido, com ligações fundamentais com o sistema jornalismo, em primeiro plano, e com ligações secundárias com o sistema editorial.

Segundo o autor, este pode ser dividido ainda em dois grupos, ou seja, os que surgem de uma grande reportagem ou série de reportagens veiculadas na imprensa cotidiana em primeira instância ou o que se origina, como é o caso do livro em

discussão aqui, *O nascimento de Joicy*, desde o começo, de uma concepção e de um projeto elaborado para livro.

O processo produtivo do livro reportagem deve levar em consideração diferentes aspectos e procedimentos. Rocha e Xavier (2013), afirmam que para elaborá-lo o autor estabelece uma relação intensa com o processo de apuração, faz um levantamento de dados e das prováveis fontes. A apuração conta com análise de documentos, pesquisa do tema, observação do ambiente e acontecimentos que norteiam o tema, além de entrevistas a fontes primárias e secundárias. Rocha e Xavier (2013) ainda comentam acerca da grande importância da pesquisa nas abordagens investigativas e na elaboração do livro-reportagem, além da contextualização, que ajuda na estruturação do texto. Para isso, defendem o “pressuposto que o livro-reportagem trabalha com os procedimentos do jornalismo e trata de um fato ou fenômeno real, para construí-lo é necessário dispor de informações e subsídios concretos” (ROCHA E XAVIER, 2013, p. 149).

3. Objeto da análise

Transexualidade, jornalismo e os limites entre o repórter e personagem é o subtítulo do livro *O nascimento de Joicy* e constituem os principais temas abordados na reportagem. O livro “reproduz a premiada reportagem sobre a dolorosa transformação do lavrador João Batista em Joicy. Relata as dificuldades enfrentadas ao longo da realização do trabalho e reflete corajosamente sobre o exercício do jornalismo” (MORAES, 2015, p. 12).

Fabiana Moraes nasceu no Recife, em 1974. Jornalista e socióloga formada na Universidade Federal de Pernambuco, trabalhou como repórter especial do *Jornal do Commercio*. Hoje é professora da Universidade Federal de Pernambuco e investiga a pobreza, a invisibilidade, a hierarquização social e a produção/quebra do senso comum. Seu trabalho, que inclui experiências do audiovisual, foi reconhecido com três prêmios *Esso* e um *Embratel*. É autora de outros três livros, *Os Sertões* (2010), *Nabuco em pretos e brancos* (2012) e *No país do racismo institucional* (2013).

O árduo rito de passagem e a longa saga de um ex-agricultor que procura o serviço público de saúde para adequar seu corpo masculino ao feminino são trazidos em

detalhes pela jornalista. Além da difícil relação de Joicy com o resto de sua família e com ela própria, a busca da personagem por um amor que a aceite como a mulher que é, o afastamento dos amigos e a solidão pelo preconceito e o tratamento indelicado por parte de profissionais do serviço de saúde pública trazem elementos intrigantes ao enredo. Dor, apreensão e alegria são sentimentos que se mesclam no decorrer da narrativa.

O livro é dividido em três partes:

Na primeira, consta uma série de reportagens publicadas em abril de 2011, durante três dias, tanto na edição impressa do *Jornal do Commercio* quando em um site especial ainda no ar. [...]

No segundo momento, conhecemos como se deu a produção da série, os encontros com a transexual, sua família e seus vizinhos, as discussões, os entendimentos e desentendimentos, os limites do jornalismo na sua prática diária e as premiações nacionais concedidas. [...]

Na terceira e última parte, discutimos a relação jornalista-personagem para além da ideia de fonte, pensando essa aproximação como dotada de elementos riquíssimos para compreender a carne tantas vezes instável de uma profissão na qual, durante décadas, o “ser objetivo” foi regra por excelência (MORAES, 2015, p. 23).

Quando se ouve falar em "transexualidade", muitos julgamentos são feitos, visto que pessoas não concordam e não aceitam. Dessa forma, tratar sobre esse assunto com certeza geraria muitas discussões e críticas. A jornalista, ao publicar uma série de reportagens nos dias 10, 11 e 12 de abril de 2011 no *Jornal do Commercio*, sobre a cabeleireira Joicy, na época em que passaria pela cirurgia de redesignação sexual tinha consciência sobre as críticas que viriam. Depois de toda a repercussão nacional, a reportagem ganhou a categoria principal do Prêmio Esso de Jornalismo (2011), maior honraria do gênero no Brasil.

Fabiana Moraes detalha no livro que em meio às nove mulheres que estavam na fila de espera para realizar a cirurgia de redesignação sexual quando a pauta começa a tomar forma, a maioria de calças jeans justas ou vestidos floridos e sandálias altas, quem chamou mais sua atenção foi Joicy. A única aproximação dela com as demais mulheres eram as unhas pintadas de vermelho.

Sem os marcadores que a fariam, externamente, ser "mulher", Joicy termina sofrendo um preconceito duplo, que vem tanto daqueles que não experimentam a sua condição quanto dos próprios transexuais. Estas olhavam com certa incredulidade para aquela mulher. Era como se, naquele banco, um intruso estivesse sentado entre elas. Como se fosse uma piada de mau gosto

feita por alguém que estava ali para lembrar a aparência que elas tinham antes dos longos cabelos e das calças justas (MORAES, 2015, p. 34)

Na verdade, Joicy, moradora de Alagoinha, em Pernambuco, “atraía olhares justamente por não encaixar-se em um modelo socialmente compartilhado e respeitado de mulher.” (MORAES, 2015, p. 19). Depois da escolha, a autora relata o nascimento da personagem, Joicy Melo da Silva, ocorrido em 22 de novembro de 2010, às 12h30. Pesava 74 quilos e media 1,63 metro de altura. O parto de Joicy, sem dúvida, foi o mais complicado de todos: durou sete anos e envolveu uma série de especialistas.

4. Procedimentos jornalísticos

A observação é um dos processos mais importantes na apuração dos fatos. O tempo que os repórteres passam nos lugares, seja experienciando todos os contornos da história, ajuda no entendimento do contexto em que estão inseridos e faz aproximar a realidade. Além disso, serão as próprias percepções sobre o acontecido que darão o verdadeiro quadro a ser retratado, como pede a grande reportagem.

“Os ‘livros de repórter’ constituem-se em ambiência para leituras singularizadas do tempo e do espaço e, especialmente, do próprio Jornalismo” (ZAMIN, 2015, p. 252). É por meio da singularização que estes livros trazem sobre aspectos da realidade que se percebe a importância da leitura dos procedimentos jornalísticos e da crítica das práticas que tais produtos trazem.

Fabiana Moraes usou de diferentes procedimentos jornalísticos para a reportagem, que depois deu origem ao livro. Iniciou pela pesquisa sobre o tema e foi em busca de fontes. Em entrevista ao *Coletivo de Jornalismo Nonada*, a autora explica porque resolveu escrever sobre identidade de gênero.

Queria passar mais tempo ao lado de um só personagem. Havia feito dois trabalhos em cima de perfis (*Quase Brancos*, *Quase Negros* e *Os Sertões*). Procurava um lugar de escrita diferente, fora do que eu sabia lidar, digamos assim. Por outro lado, sempre havia pensado sobre a sensação de estar no mundo “pertencendo” a um gênero sem se identificar com ele. Queria escrever sobre a desconstrução/reconstrução de um corpo, de um self. Joicy apareceu assim (SEGANFREDO, 2015, documento eletrônico).

Sobre a escolha da sua fonte principal, Fabiana conta que inicialmente não se tratou propriamente de uma escolha: aconteceu de Joicy ser a próxima da fila a se submeter a cirurgia. Afirma ainda que ela não correspondia à imagem de mulher que se costuma cultivar, que não se enquadrava aos padrões da feminilidade estereotipados. Entretanto, resolveu insistir em Joicy, porque “fazer isso significaria enfrentar o preconceito mais arraigado e mostrar o drama de quem, ademais de viver em situações de extrema pobreza, tenta se inscrever no mundo a partir de um corpo continuamente questionado – e combatido” (MORAES, 2015, p. 13).

Em outra entrevista, concedida ao blog *Jornalismo Digital*, Fabiana conta que o processo de produção da matéria foi longo e que foi em conversas iniciais com médicos e psicólogos que conheceu mais detalhes da história de Joicy.

Sua não-adesão aos códigos femininos (naturalizados como femininos, fique claro) me chamou atenção. Vivia em uma pequena cidade no agreste, perto do sertão, trabalhou a vida toda como agricultora. Eram marcadores que tornavam Joicy uma transexual muito específica. No entanto, não sublinhei isso como algo “curioso” e, muito menos, engraçado. Queria mostrar, independentemente da natureza do trabalho da transexual, como era viver com um certo corpo e tempos depois viver sem ele, sem aquele corpo como era antes. Como, socialmente, as transexuais eram tratadas no dia-a-dia, entre a família, entre os vizinhos e, claro, no serviço público de saúde. (JORNALISMO DIGITAL, 2011, p. 1)

Após escolher e identificar a personagem, Fabiana a acompanha desde o processo pré-cirúrgico até a recuperação. São diversas entrevistas durante todo o período, trabalhando detalhes da história de vida, sua transformação de João à Joicy e também a rotina com a família, que não aceitava a decisão da cirurgia.

No desenvolver da narrativa, se percebe que a autora realizou um trabalho de pesquisa muito grande, porque a história se completa pelos detalhes, as cenas sobre o que Joicy passou durante as viagens para as consultas pré-cirurgia, sua ansiedade em se transformar em uma mulher de verdade, a relação que tinha com os clientes no salão de beleza que mantinha e tudo o que permeava o cotidiano mais particular da ex-agricultora.

Apesar de o Hospital das Clínicas ter iniciado as operações de mudança de sexo em 2001, a Geres não encaminhou automaticamente a transexual para o local, como seria óbvio. Foram dois anos, com a cabeleireira indo à Caruaru a cada dois meses (a cerca de cem quilômetros de sua casa), para tentar entender se faria a cirurgia. Para isso, também dependia dos carros da Secretaria de Saúde de Alagoinha, várias vezes indisponíveis (MORAES, 2015, p. 41).

Quando Joicy soube o dia em que a cirurgia, quis contar imediatamente para a família. Fabiana a acompanhou durante todo esse processo e vivenciou a não aceitação das irmãs e principalmente da mãe de Joicy, que ainda não acreditava que aquilo iria acontecer. Ao visitar a irmã, Maria do Socorro (Nenem), sentiu o desprezo:

Nenem: Eu não tenho nada contra você, mas é um risco. Tenho medo da cirurgia em si.

Joicy: Não tenho medo de nada. É o trem passando e eu me jogando.

Nenem: tirar é fácil, João...

Joicy: Não vim aqui pedir sua opinião.

Nenem (olhando para a repórter): eu temo é pela vida dele (MORAES, 2015, p. 44).

Para entender mais sobre o caso de Joicy e sobre a demora para sua cirurgia, Fabiana entrevista alguns médicos que realizavam o tratamento da personagem. Além disso, também faz pesquisas bibliográficas, visto que o assunto era delicado e pouco discutido. Era preciso entender como tudo funcionava. Assim, a repórter traz no livro um subcapítulo em que explica como se dá a implementação da cirurgia de redesignação sexual no Sistema Único de Saúde e os detalhes do procedimento. Usa também dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para ilustrar a condição financeira da personagem, muito pobre:

Com o benefício de R\$68 (vindos do Bolsa Família) mais uma média de 10 clientes por semana (R\$5 o corte de cabelo de cada um), Joicy garante uma renda de R\$268 mensais. O valor, é claro, pouco cobre as despesas da cabeleireira, que compartilha sua pobreza com a maioria dos moradores da cidade (realidade de 62,81% da população, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa – IBGE) (MORAES, 2015, p. 74).

Fabiana esteve presente em muitos momentos na vida de Joicy durante o processo. Frequentava sua casa, a levava consultar e também para encontrar algumas pessoas. Ao visitar a casa de Joicy, tentava perceber cada pormenor do espaço, com o intuito de naturalizar o ambiente e deixar o leitor ainda mais à vontade.

Ainda na sala minúscula, onde mal cabiam um sofá, uma cadeira de balanço e sua Honda, estava também o “salão de beleza” e ganha-pão da ex-agricultora: um móvel desgastado em cuja prateleira repousavam os produtos e objetos do espaço que ela montou para sobreviver (MORAES, 2015, p. 99)

A partir da observação minuciosa e do grande contato com a personagem e seus familiares, a autora criou uma relação muito forte com Joicy e levou isso para a

discussão do livro. O próximo item trata essa questão e a reflexão que a autora faz sobre o comportamento dos jornalistas perante suas fontes, bem como o seu com Joicy.

5. Relação jornalista-personagem

O detalhamento dos acontecimentos da vida de Joicy se faz presente em todo o livro de Fabiana Moraes, principalmente quando fala de sua relação com a personagem. No capítulo dois, são revelados os bastidores da reportagem, a aproximação e distanciamento entre repórter e fonte e a relação cheia de percalços com a cabeleireira, que em alguns momentos via no trabalho da reportagem e na operação a salvação para problemas financeiros e afetivos.

A relação entre as duas teve alguns desentendimentos. Quando viajaram a São Paulo para receber o *Prêmio Cidadania em Respeito à Diversidade*, ficaram no mesmo hotel. Fabiana desabafa sobre o episódio no livro:

Eu nunca deixei de entender o lado dela, mas eu precisava também entender o meu. Nenhum repórter espera dividir um quarto com uma fonte. Lá, ela não queria voltar, ia ficar em São Paulo sem pensar nas consequências. E tinha um esgotamento da minha parte, das ligações repetidas, das reclamações”, aponta a jornalista (MORAES, 2015, p. 37)

A busca de Joicy por seus direitos foi permeada por grandes dificuldades e a repórter acompanhou muitas delas. A convivência com a cabeleireira, desde as primeiras consultas até a fase de recuperação da cirurgia, foi intensa. Talvez por isso, já num primeiro momento da narrativa, Fabiana faz seu contraponto sobre o termo personagem.

Emprestado da literatura e que sobretudo vê o Outro sob um aspecto técnico no momento em que o coloca como objeto de observação do repórter, é ofuscado pela ideia de “fonte”, esta dominante nos livros e manuais adotados nas universidades e faculdade de jornalismo do país (MORAES, 2015, p. 17).

Em entrevista a repórter Thais Seganfredo (2015, documento eletrônico), para o *Coletivo Nonada*, Fabiana relatou que a “quebra do meu distanciamento com Joicy se deu justamente por acompanhar tão de perto sua extrema pobreza material e afetiva. Ela

me tomou como uma espécie de âncora e isso tiveram resultados tremendos em nossa relação”.

Em meio à incompreensão da escolha de Joicy por parte dos familiares, Fabiana se viu envolvida na história ao negar o distanciamento da relação jornalista-fonte, ensinado nas faculdades e boa parte dos manuais de Jornalismo. No livro, ela afirma que foi impossível não fazer algumas compras ou dar algum dinheiro a Joicy quando ela estava em situação de penúria. Conta também que logo que chegou na cidade, Joicy encantou-se com a atenção que deu a ela: “era como se aquilo que ela sabia torná-la especial tivesse finalmente sido percebido por alguém e não de uma maneira jocosa, como a mulher em pele de homem estava acostumada” (MORAES, 2015, p. 94).

Joicy tinha um temperamento próprio, de alguém que sofreu a vida toda e que vinha de uma realidade em que precisava se defender a cada instante. Foi essa personalidade da personagem que fascinou e comoveu a jornalista, a qual teve que aprender a lidar com as mais difíceis características de Joicy.

Brigamos várias vezes; Censurei-a outras tantas, principalmente pelo modo pouco suave com o qual cuidava de si, com o modo pouco suave com o qual lidava com a família. [...] Hoje, vejo que ali eram os meus valores os atingidos negativamente, e, por mais que eu tentasse domar minha reação e minha dor, nem sempre era possível mantê-los distantes do ambiente da pauta (MORAES, 2015, p. 20).

Fabiana Moraes sempre enviou uma ajuda financeira a Joicy em vista da repercussão do livro. Depois da ajuda inicial, com doações feitas por leitores, colegas e por ela mesma, Fabiana passou períodos sem atender aos telefonemas de Joicy ou com o mínimo de contato com a cabeleireira. Ao longo do convívio entre elas, a personagem fez muitas acusações que deixaram a jornalista triste e ofendida.

“Há inclusive quem diga que você vem ficando com todo o dinheiro que deveria me dar”, disse Joicy, falando de um telefone a quase 300 quilômetros de distância de mim. Eu estava quase acostumada a ouvir absurdos de diferentes graus nas conversas que mantínhamos há mais de um ano, mas a frase foi fulminante (MORAES, 2015, p. 91).

Depois desse episódio, Fabiana Moraes parou de telefonar e, parecia que elas duas finalmente iriam se afastar depois de meses de uma intimidade quase obrigatória.

A distância era algo que, profissional e pessoalmente, eu precisava: me sentia extremamente frustrada pelo fato de, depois de tentar ajudá-la de várias maneiras (um ato que sempre oculta alguma vaidade, é claro), terminar

ouvindo suas queixas sobre minha inabilidade em fazê-la, de algum modo, feliz. Durante muito tempo, não entendi que aquela não era uma tarefa minha (MORAES, 2015, p. 92).

Os desentendimentos entre as duas perpassaram por um período da apuração da reportagem, principalmente após o recebimento do *Prêmio Esso*. Na maioria das vezes, envolvia dinheiro e em outras era porque Joicy falava coisas sem pensar e a jornalista tentava não absorver para si, mas muitas vezes não conseguia. A dúvida sobre ajudar a personagem ou não era sempre frequente em sua mente:

Como poderia, pensando na questão de dar ou não dinheiro a Joicy, deixá-la com apenas alguns trocados no bolso quando, após dois dias a acompanhando, eu voltava para casa e ela permanecia, recém-operada, sozinha e sem condições de trabalhar? [...] Como não sentir decepção no momento em que Irene, mãe idosa da ex-agricultora, a visitou pela primeira vez após a resignação sexual e foi quase totalmente ignorada pela filha que ela sempre julgou filho? No fim, o que é mais importante? Respirar fundo e colocar esses “ruídos” de lado em nome do preconizado e quase mítico distanciamento? Ou torná-los parte de uma escrita que, de saída, se reconhece múltipla de sentidos e, é claro, imperfeita? (MORAES, 2015, p. 22).

Sua opção por manter uma relação mais íntima com Joicy e de escrever isso trouxe um retorno social ainda maior para o tema principal do livro, por saber que é algo pouco discutido ainda na sociedade. A partir da reflexão da autora e dos relatos da sua relação com a personagem é que se percebe o jornalismo de subjetividade que ela constrói ao longo do texto, algo que será explicado no próximo item.

6. Jornalismo e subjetividade

No capítulo que encerra o livro, Fabiana Moraes faz uma reflexão teórica sobre os limites da objetividade. A autora afirma que “é preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana” (MORAES, 2015, p. 159). Diante disso, apresenta em sua escrita esse jornalismo de subjetividade, a partir do momento em que exhibe os sentimentos que teve ao fazer a reportagem e faz um retrato complexo da sua vivência e experiência, a fim de mostrar como problemas sociais e humanos podem ser mais bem compreendidos nesse processo.

Fabiana explica que o “jornalismo de subjetividade” não é uma rejeição a objetividade, mas sim, “uma contestação à concepção reducionista de objetividade gravada nos manuais de jornalismo, que castra a autonomia do repórter e o condiciona a apenas “relatar fatos” como se isso fosse possível” (MORAES, 2015, p. 14). Esse olhar da autora contribui para a reflexão sobre a prática jornalística, visto que cruza os seus olhares, ou seja, do campo jornalístico, com as ciências sociais, espaço onde desenvolveu sua pós-graduação.

Dentro de sua escrita, Fabiana problematiza diversas questões que envolvem o jornalismo. Enfatiza a conversa entre ele e outros campos, o que acredita ser necessário para que se una a parte teórica dessas áreas à prática jornalística. Além disso, fala sobre o comportamento nas redações jornalísticas, apontando que muitos repórteres agem de forma apressada e instrumental, devido à correria do dia a dia e que isso acaba não trazendo visibilidade a questões que realmente precisam ser discutidas, como o racismo, a homofobia e o machismo.

A autora explana também sobre o senso comum, usado muitas vezes como fonte para reportagens. Comenta que se fosse pelo senso comum teria vários motivos para não escolher Joicy como a protagonista, um deles seria pela sua figura “não feminina”. Entretanto, usou do engessamento a que estamos circunscritos, que só confirma o quanto é difícil para alguém não facilmente rotulável viver, para retratar a realidade de Joicy. Sobre isso afirma que:

O fato é que o que escrevemos, falamos e mostramos tem, independentemente, de estar no meio impresso ou digital, o poder de fomentar e cristalizar preconceitos em verdades, e, por outro lado, de ajudar a desmontá-los ou, ao menos, trincá-los. Para que isso seja uma realidade, é necessário um contínuo combate a simplificação, ao que, ao meu ver, é fundamental para o exercício do jornalismo (MORAES, 2015, 175).

Sobre essa reflexão do exercício do jornalismo, a autora traz também exemplos de outras autoras para explicar. Cita Sylvia Moretzsohn, que em seu livro “Pensando contra os fatos – jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico”, defende que:

[...] Pensar contra os fatos não é desconsiderá-los na sua objetividade, mas aprendê-los em sua complexidade, contrariando o processo de naturalização que nos faz aceitá-los sem considerandos, pois é uma inconformidade em aceitar o mundo “tal qual é” que conduz a formulação de perspectivas capazes de modificá-lo (MORAES, 2015, p. 166).

Fabiana traz que seu livro vai contra o que se fala na sociedade sobre jornalistas não terem tempo e por isso fugirem das críticas. Ela investiu na abordagem profunda sobre o tema e isso fez com que se pensasse no jornalismo como um mediador menos apressado da realidade. Ela trouxe a vivência de uma transexual que sofreu muito durante seu processo de redesignação sexual, ela investigou, questionou, publicou o material e não fugiu das críticas. Foi o olhar subjetivo de Fabiana que contribuiu para que o tema fosse apresentado de forma mais profunda e longa e que ganhasse o prêmio *Esso*.

Ao dar lugar ao debate de identidade de gênero, Fabiana sai da zona de conforto do jornalismo, a qual critica no livro. Este, muitas vezes usa temas superficiais, aborda poucas fontes e se apoia na novidade para se valer, o que engessa o potencial analítico do trabalho jornalístico e tira a capacidade de produzir reportagens que refletem determinamos fenômenos sociais.

Por meio disso, ao abordar o jornalismo de subjetividade, a autora faz a reflexão sobre o papel do jornalista na sociedade e sobre o seu modo de produção. Isso fica evidente quando se tem como título do capítulo três: “O subjetivo como elemento político”, porque o que o jornalista faz e escreve são representações políticas. Quando se escolhe tratar sobre transexualidade ao invés de falar sobre viagens, por exemplo, é considerado um ato político, o qual se pesquisou e se sentiu a necessidade de tratar sobre o assunto.

Dessa forma, o livro contribui para o pensar das práticas jornalísticas e para a visão da importância da escrita e do debate sobre questões das minorias. Ao humanizar a história da personagem Joicy, Fabiana trouxe exatamente essa reflexão, de que as minorias têm voz dentro do jornalismo e que elas irão falar.

7. Considerações Finais

Após a leitura e análise do livro-reportagem *O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem*, partimos do entendimento sobre os procedimentos jornalísticos e sobre a organização de uma

narrativa. O detalhamento do processo de apuração, o cotidiano da personagem e as histórias que a permeavam foram o caminho para encontrar as pistas da relação da autora com sua fonte principal e da organização da escrita.

Ao humanizar a história de Joicy, Fabiana Moraes conseguiu trazer o que defendeu no último capítulo do livro: o jornalismo de subjetividade. A intimidade que criou com os envolvidos e principalmente com a personagem, e a escolha por escrevê-las, foi o que levou a grande repercussão da narrativa.

A mensagem que a autora deixa no final do livro fala justamente sobre essa questão, a qual comenta que não existem simplesmente fontes e personagens e que cabe aos profissionais da imprensa retratar estas pessoas e esse “Outro”, citado no livro. Foi por meio das pistas que a autora conseguiu fazer ver e entender o “Outro” em Joicy, seja por meio de suas características, de seus comportamentos ou de sua condição social, a qual encantou a autora e transformou seu processo de apuração e escrita.

Dessa forma, as histórias contidas no livro vieram na proposta de, a cima de informar, apresentar temas relevantes e impactantes, que fazem parte da sociedade. O entendimento que ele traz é sobre essas questões invisibilizadas pela grande mídia, as quais precisam aparecer nos livros-reportagem, para que as pessoas conheçam e sintam a realidade de pessoas não rotuladas tão facilmente.

Por isso, o tipo de narrativa usada pela autora narra à experiência de Joicy e cria sentido e o procedimento jornalístico que a autora desenvolveu foi primordial para verificar os meandros do cotidiano de uma transexual e trazer o debate de identidade de gênero para a sociedade.

Referências

- JORNALISMO DIGITAL. **O nascimento de Joicy, sobre como João virou mulher.** Entrevista ao blog Jornalismo Digital. Disponível em: <<http://www.jornalismodigital.org/2011/04/14/o-nascimento-de-joicy-sobre-como-joao-virou-mulher/>> Acesso em: 17 jul. 2016.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no século XXI.** Inovcom, vol 6, n. 1, 2014.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4 ed. Barueri, SP: Manole, 2009.
- MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015
- RESENDE, Fernando. **O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, dez. 2009.
- ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** Rumores, n. 14. v.7, 2013.
- SEGANFREDO, Thais. **O Nascimento de Joicy: por um jornalismo com mais empatia.** 2015. Coletivo de Jornalismo Nonada. Disponível em <<http://www.nonada.com.br/2015/07/o-nascimento-de-joicy-por-um-jornalismo-com-mais-empatia/>> Acesso em: 17 jul. 2016.
- ZAMIN, Ângela. RICHTER, Taiz Gizele; MILANI, Tatiani. **O mundo tem que saber disso de alguma maneira: crítica das práticas jornalísticas na reflexão de jornalistas brasileiras.** Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 14, n. 28, 2015.